

**Me. Daniela Santana Lima**

<http://lattes.cnpq.br/8395398512933468>

Universidad San Carlos, USC, Paraguai

Contato: [dan\\_s\\_lima@hotmail.com](mailto:dan_s_lima@hotmail.com)

**Sarah Silva Rodrigues**

Discente da rede Pública Estadual da Bahia.

**Dra. Stânia Nágila Vasconcelos  
Carneiro**

<http://lattes.cnpq.br/5726920613905942>

Centro Universitário Católica de Quixadá,

UNICATÓLICA, Brasil

Universidad San Carlos, USC, Paraguai

Contato: [stanianagila@unicatolicaquixada.edu.br](mailto:stanianagila@unicatolicaquixada.edu.br)

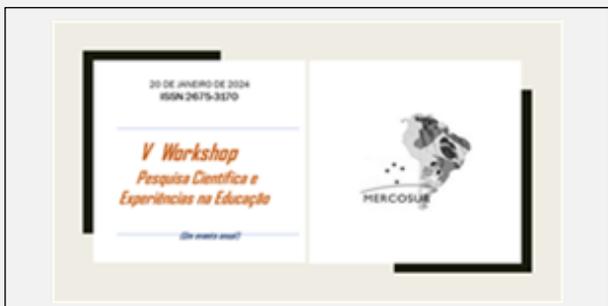
## PICHAÇÕES NAS PAREDES DE ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL NA BAHIA: CAUSAS, IMPACTOS E ABORDAGENS PARA PREVENÇÃO

### INTRODUÇÃO

De acordo com Diógenes (2014), os pichadores querem “sair do anonimato, ser ‘famoso’, ‘nunca ser esquecido’”, revelando “uma saga pontilhada por afoitezas e riscos que ultrapassam os espaços”. Pichar é um ato de escrever, rabiscar, desenhar algo numa superfície como paredes, monumentos ou mobiliários que estejam, geralmente em áreas públicas ou privadas. Sendo uma prática que vem desde a antiguidade, conforme registros desses atos nos muros da cidade de Pompéia, antigo império Romano, a pichação pode ter causas e consequências variadas.

Segundo Garcia e Kleber (2016), na história recente do Brasil, o pichamento passou por três momentos. O primeiro nos anos 1960, como forma de manifestação contra a ditadura militar, já que apresentava cunho político, e sem preocupação estética com as letras, de modo que qualquer pessoa alfabetizada poderia ler. O segundo, na década de 1980, contemporâneo ao movimento punk, as pichações eram voltadas para frases poéticas e o terceiro momento, já a partir de 1990, cujo ego do pichador, era mais exacerbado, muitos pichadores deixavam sua marca registrada na cidade e havia maior preocupação com a estética.

A pichação é uma contravenção da Lei nº 9.605/98, configurando como lei de crimes ambientais, com pena de detenção de três meses a um ano e multa de um mil reais a cinquenta mil reais, e se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada, em virtude de seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a multa é aumentada em dobro.



Sendo uma forma de manifestação política, poética ou para demarcação de território, pichação envolve questões socioculturais que precisam ser muito bem analisadas, sobretudo quando ocorrem nas paredes, mobiliários e utensílios de escolas. As pichações e suas representações são relevantes porque podem evidenciar informações ou narrativas importantes, que de certa maneira, podem afetar a comunidade escolar. Oliveira e Alves (2001) explicam que naturalmente a cultura narrativa cotidiana, permite uma evolução e uma história.

É interessante compreender como se arraigam, no imaginário escolar, por meio de análise, as pichações encontradas nos espaços do Colégio Estadual de Vila de Abrantes – Camaçari – BA. Não pichação somente como problema ambiental, mas como forma de expressão implícita, buscando respostas para melhorar a qualidade de vida e do ensino na escola, além de buscar soluções para mitigar ou evitar o problema das pichações.

## **OBJETIVO**

Este trabalho teve como objetivo analisar, interpretando e refletindo sobre as informações escritas nas paredes do Colégio Estadual de Vila de Abrantes (CEVA) – Camaçari – BA, como pichações e transgressões envolvendo política, hábitos, costumes e outros problemas da prática social.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho foi realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, que formaram grupos com até três componentes, e em conjunto com a professora da disciplina de Iniciação Científica passaram por etapas de investigação, como: a) exploração do conceito de problematização da prática social, com análises de exemplos de pichações e transgressões em escolas e discussão sobre os significados das manifestações; b) registros fotográficos, numa etapa de coleta de dados; c) seleção

e classificação dos registros em 4 categorias: desenhos (incluindo símbolos e rabiscos); nomes (incluindo iniciais); endereços de redes sociais e frases. Em seguida, foi realizada análise crítica das informações coletadas de modo a verificar as possíveis causas que levaram estudantes a picharem as paredes.

Buscando ampliar a compreensão das mensagens nas paredes, para cada categoria se estabeleceu indicadores. Em relação aos desenhos (incluindo símbolos e rabiscos), foram analisadas: linhas, pontos, forma, identificação dos símbolos e o objetivo para o qual, provavelmente, foram criados. Para a categoria nomes (incluindo iniciais), solicitou-se identificação dos códigos e intencionalidade. Já para a categoria endereços de redes sociais, os estudantes foram orientados a visitarem as redes de modo a analisarem os conteúdos ou intencionalidade. Por fim, quanto às frases, tratou-se de atribuir-lhes intenções e implicações.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram registradas nove fotografias que reuniram cento e quarenta e oito (148) informações contidas nas paredes da instituição de ensino, sendo dezoito (18) frases, um (1) de cunho positivo, seis (6) frases com potencial negativista, cinco (5) com linguagem rude e seis (6) insultos; foram encontradas dez (10) referências de apologias, sendo seis (6) ao crime, três (3) ao sexo e um (1) a drogas; doze (12) nomes foram registrados, sendo oito (8) próprios e quatro (4) de personagens conhecidos; onze (11) iniciais (letras) foram observadas; onze (11) palavras, sendo uma (1) de menção positiva, cinco (5) para xingamentos e outras cinco (5), soltas, sem um referencial direto; trinta e sete (37) desenhos foram analisados, sendo verificado vinte e um (21) rabiscos, três (3) de cunho sexual e treze (13) aleatórios; quarenta e seis (46) menções às redes sociais foram registradas, sendo, quarenta e dois (42) de contatos diretos dos próprios estudantes; um (1) de site e duas (2) hashtags; por fim, três (3) frases foram encontradas, sendo duas (2) com discurso de ódio e uma (1) de violência. Os dados coletados foram quantificados e classificados conforme apresentado na Tabela 1.

Por meio desse trabalho, verificou-se desenhos com traços bem elaborados e harmoniosos, indicando que o autor ou autora dispunha de tempo e criatividade para executar a pichação. Conforme interpretação feita por Duchamp (1975), a pichação é produto de ócio criativo, ou seja, diante da falta de atividades orientadas ou desinteresse pelas aulas, surgem textos e desenhos mais elaborados identificados como formas de expressão.

Também identificou-se indicativos de descontentamento com a escola ou com colegas, no qual, como um ato de rebeldia, estudantes usaram as paredes para expressar seus sentimentos e parece que estudantes adotaram uma linguagem predominantemente vulgar, com um notável domínio de palavras rudes e insultos em suas manifestações. Muitos endereços de redes sociais identificados com @ (arroba) ou # (hashtag) foram encontrados, indicando uma possível necessidade que os estudantes têm de se interconectarem ou expressão do seu perfil nas redes sociais ou para novas amizades ou para se conectarem com colegas que compartilham interesses semelhantes.

Parece que há casos em que estudantes estão envolvidos em atividades criativas, como música, arte, moda, ou outros tipos de conteúdo online, de modo que usam a escola como um espaço para promover seu trabalho ou compartilhar suas paixões com um público mais amplo. Publicar o endereço do Instagram nas paredes pode ser uma maneira de facilitar essa visualização. Vários nomes próprios dos estudantes foram encontrados nas paredes, indicando que pichar é uma forma identitária e de pertencimento.

Segundo Garcia e Kleber (2016):

quanto às possíveis causas da pichação, nos deparamos com três possibilidades: reconhecimento social, lazer/adrenalina e protesto. [...]É a questão da voz social. Vivemos em uma sociedade de regime capitalista, onde grande parte das decisões gira em torno do capital. Dessa forma, quem não possui o capital é excluído dessas decisões. Uma forma de conseguir opinar nas questões de importância na sociedade (protesto) e obter certo reconhecimento social (pichação de nomes, voltada para o ego do pichador) é através da pichação. A alegação contra a prática é que é vandalismo, não é arte. Que “destrói” e depreda a propriedade pública e privada.

**Tabela 1** – Padrões das informações contidas nas paredes, suas variações e quantidades encontradas

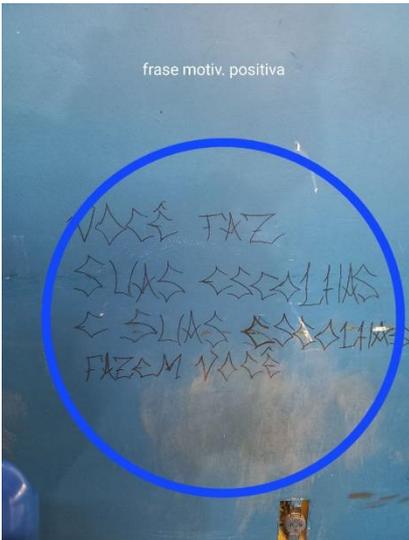
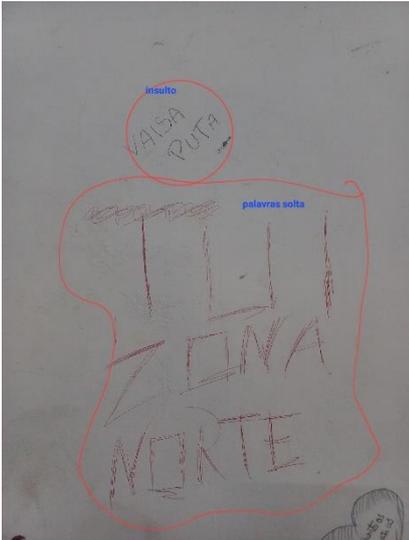
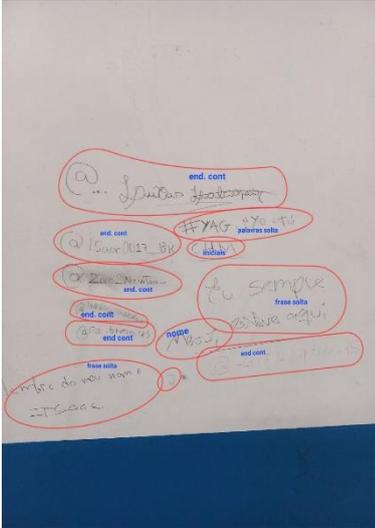
<b>Padrão</b>	<b>Variações/Quantidades</b>			
Frases	Positivas: 1	Diversas: 6	Linguagem rude: 5	Insultos: 6
Apologia	Crime: 6	Sexo: 3	Drogas: 1	-
Nomes	Próprios: 8	Personagens: 4	-	-
Palavras	Positivas: 1	Xingamentos: 5	Aleatórias: 5	-
Desenhos	Rabiscos: 21	Sexuais: 3	Aleatórios: 13	-
Endereços	Contato: 43	Sites: 1	Hashtags: 2	-
Frases	Ódio: 2	Violência: 1	-	-
Iniciais	11	-	-	-

Fonte: Da pesquisa (2023).

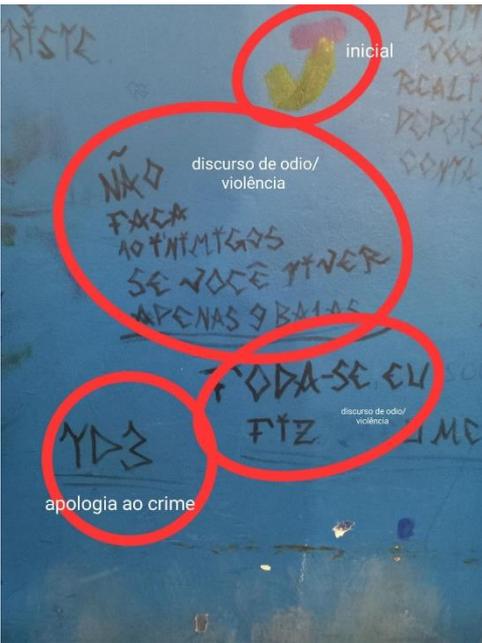
Outros pichos que chamaram atenção, apresentaram apologia ao sexo, religião, crime e violência. Entende-se que a prática de desenhar genitais humanos nas paredes da escola, pode relacionar-se ao comportamento de provocação, rebeldia, busca por atenção para si próprio e provocar risadas ou até por curiosidade sexual, pois, durante a adolescência, os jovens estão passando por mudanças físicas e emocionais significativas. Inclusive, salienta-se que há possibilidade de adolescentes terem experienciado ato sexual ou até sofreram abuso, quede alguma forma influenciaram seu comportamento.

Nas pichações ainda se observaram frases e letras iniciais que se referiram a violência e a criminalidade, como siglas de facções locais e menção racista. É importante observar que a poluição visual causada pelas pichações é tão generalizada e persistente que até mesmo uma frase que poderia ser motivacional perde seu efeito.

**Quadro 1** – Registros fotográficos das pichações nas paredes do CEVA

 <p>frase motiv. positiva</p>	 <p>insulto</p> <p>palavras soltas</p>
<p><b>Mensagem positiva</b></p>	<p><b>Insulto e palavra aleatória</b></p>
	
<p><b>Contatos; iniciais; nomes; palavras e frases soltas</b></p>	<p><b>Contatos; nomes; rabiscos; desenhos; iniciais; xingamentos; frases e palavras soltas; apologia crime</b></p>

<p><b>Frases e palavras baixo calção; insulto; apologia ao crime e drogas; desenho; rabisco; contato</b></p>	<p><b>Contato; desenho; frase e palavra de baixo calção; nomes; site; palavra solta</b></p>
<p><b>Desenho; insulto; contato</b></p>	<p><b>Desenho; contato; inicial; insulto; palavra positiva; apologia crime; rabisco</b></p>

	
<p><b>Inicial; apologia ao crime; discurso de ódio</b></p>	

Fonte: Da pesquisa (2023).

## CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho, analisar, interpretando e refletindo sobre as informações escritas nas paredes do CEVA, foi alcançado, visto que os resultados revelaram baixo conteúdo de cunho positivista ou motivacionais, com alto índice de linguagem predominantemente negativista, permeadas de insultos, palavras rudes e apologias ao mundo do crime, sexo e ódio.

Esses resultados destacaram a importância de se abordar questões de comunicação e respeito no contexto educacional. A ausência de frases positivas ou motivacionais é uma oportunidade perdida para inspirar os alunos, enquanto a predominância de palavrões e insultos indica a necessidade de ações para promover um ambiente mais amigável e respeitoso.

Aqui estão algumas medidas que podem ser tomadas para tentar acabar ou diminuir essas pichações: (a) desenvolver programas educacionais que informem os alunos sobre as consequências negativas da pichação, tanto em termos legais quanto

de impacto na comunidade e na escola; (b) estabelecer um diálogo aberto com os alunos para entender suas preocupações e motivações, incentivando a expressão de ideias de forma construtiva; (c) envolver pais, responsáveis e a comunidade local na prevenção da pichação, criando um senso de responsabilidade compartilhada; (d) oferecer oportunidades para que os alunos expressem sua criatividade por meio de projetos de arte e grafiteagem legal, com permissão e supervisão adequada; (e) Criar salas temáticas; (f) estabelecer políticas escolares claras sobre as consequências da pichação, incluindo ações disciplinares e a participação dos infratores na reparação do dano; (g) instalar câmeras de segurança para monitorar áreas propensas a pichações, a fim de identificar infratores e dissuadi-los; (h) trabalhar em parceria com as autoridades locais, como a polícia, para investigar e lidar com casos de pichação ilegal; (i) criar espaços designados para que os alunos possam expressar sua criatividade por meio de murais e projetos artísticos nas paredes da escola; e (j) realizar campanhas de conscientização sobre os efeitos negativos da pichação e o valor de preservar o patrimônio escolar; (k) promover educação sexual adequada; e (l) orientar os estudantes sobre o uso responsável das redes sociais e alertar para os riscos associados a compartilhar informações pessoais em locais públicos.

A pichação nas paredes e carteiras de escolas é um problema complexo que requer uma abordagem holística. Compreender suas causas, reconhecer seus impactos negativos e implementar estratégias de prevenção ou mitigação eficazes são passos fundamentais para criar um ambiente escolar mais seguro e propício ao aprendizado. A colaboração entre educadores, alunos, pais e comunidade é essencial para abordar esse desafio de maneira eficaz e sustentável.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.408, de 25 de maio de 2011. Altera o art. 65 da Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 26 maio 2011.

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 17 fev. 1998.

DANTAS, T. Arte Rupestre. **UOL**, [20--]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/artes/arte-rupestre.htm#:~:text=Os%20mais%20antigos%20ind>. Acessado em: 11 nov. 2023.

DIÓGENES, G. M. dos S. A pichação e os signos urbanos juvenis: “metendo nomes” no ciberespaço (2012). **Cultura, política e ativismo nas redes digitais**, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21369/1/2014\\_capliv\\_gmsdiogenes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21369/1/2014_capliv_gmsdiogenes.pdf). Acessado em: 05 nov. 2023.

DUCHAMP, M. **O Ato criador**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

GARCIA, E.; KLEBER, V. Pichação: Desabafo social ou problema social? **Em Pauta**, 21 out. 2016. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/pichacao-desabafo-social-ou-problema-social/>. Acessado em: 05 nov. 2023.

MORAIS, D. de S. *et al.* O que dizem as paredes de escolas públicas de um município do piauí para além das transgressões? Uma tipologia das pichações. In: Congresso Nacional de Educação, 7., 2020, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: Editora Realiza, 2020. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA\\_ID7174\\_29102020090237.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID7174_29102020090237.pdf). Acessado em: 12 nov. 2023.

OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.